

**“CORPO DEFICIENTE – CORPO DIFERENTE”:
ESTRANGEIROS, TERRITORIEDADES E SIMULACROS”¹
NILSON A. MORAES²**

Este texto -algumas reflexões na forma de um artigo- embora não seja sobre a obra de Júlia Kristeva, pretende destacar a importância do trabalho de Kristeva, para a compreensão de um tema tabu –o corpo portador de uma deficiência ou diferença- para a sociedade ocidental, que afirma o princípio da estética, da produtividade capitalista e de simulacros midiáticos; um corpo que é, também, um desafio e tabu para profissionais submetidos a uma lógica e racionalidade anatomopatológica e sociocultural submetidos e preocupados em intervir e normalizar corpos na lógica fordista.

Palavras-Chave:

Corpo; tecnologias; saúde; poderes

UM CONTEXTO INICIAL DA CRISE/DA CRÍTICA

O pretexto para este artigo, na tentativa de explorar algumas relações e possibilidades intelectuais, é um livro recente de Júlia Kristeva, publicado em português em 1995. Nesta obra, a autora trata das formas que assume o olhar do receptor frente ao corpo marcado pela deficiência ou pela diferença, um corpo diferente daquele estetizado e banalizado pelo cotidiano das imagens e representações sociais e biomédicas, tomado como referente ou modelo, uma marca das imagens repetidas e da espetacularização de um –suposto- real. Mas, tal assunto não admite ou convive pacificamente com a possibilidade da simples sedução do pensar desafiante dos novos temas e metodologias e de nova enunciação.

Admite-se que o desenvolvimento tecno-científico-cultural e as mudanças relacionais pós-68 não permitem a existência de qualquer possibilidade de surpresa, pelo menos desde Lyotard e Harvey³, quando constataram que não é mais possível ou não existe nenhuma garantia ou possibilidade de hegemonia cultural, estética ou científica em nossos dias, isto é, de “condição pós-moderna”. Em pouco tempo, proclamou-se que todos os modelos e paradigmas estão acuados “contra a parede” do consenso e da fantasia catastrofista do progresso

¹ Texto de polêmica preparado para um debate –em Abril de 1998- com alunos do Curso de Mestrado em Memória Social e Documento da UNI-RIO.

² Doutor em Ciências Sociais e Professor Adjunto do Departamento de Saúde da Comunidade e do Mestrado de Memória Social e Documento da UNI-RIO

³ Principalmente depois que o texto de Harvey tornou-se resumo obrigatório das tendências e expressões em luta. Este geógrafo demonstrou que a pós-modernidade possui uma história e que esta não esgotou a modernidade.

anunciado pelos iluministas. Os *metarrelatos*⁴, que orientaram o mundo ocidental desde o século XVI, foram condenados; os fragmentos e o sentido plural do mundo, incorporados ao cotidiano das relações e preocupações. Afirma-se, de outro lado, que para as utopias e projetos coletivos sobraram apenas a melancolia ou a lástima do tempo e pulsões perdidas⁵. O indivíduo passou a conviver com a idéia de que se move num terreno mosaíquico e pantanoso, de diferentes tempos, interesses e variada simultaneidade. Enunciar a destruição de certezas e parâmetros é novo na história do mundo ocidental. Embora, estivesse presente em discursos e modelos relacionais a mundialização transformara num mero recurso simbólico de linguagem espacial, de reterritorialização. A própria idéia de “nosso tempo” não condiz com a virtualidade, a instantaneidade, as tensões dos processos socio-relacionais-territoriais⁶, não resiste a uma análise histórico-discursiva.

A constituição da territorialidade e das tecnologias que viabilizaram novas relações socio-produtivas, produziram a idéia e relações de emergência dos “não-lugares”, cujo conceito não é a inexistência de um lugar, físico ou territorial; ao contrário, permite a existência e a convivência de diversos lugares relacionais simultaneamente⁷.

Augé⁸ desenvolve a idéia de “não-lugares” no contexto da ‘sobremodernidade’, isto é, pela expressão a excessos: por exemplo, excesso de acontecimentos que quase inviabilizam pensar o tempo histórico e o tempo da história contemporânea como processo acumulativo e irreversível. Ao lado desse processo que marca os fatos contemporâneos, o autor demonstra que ocorre o “encolhimento” do planeta-mundo⁹, que introduz avançadas tecnologias na vida cotidiana, no olhar e na forma de se relacionar no mundo real. É a mais violenta mudança cultural (atingindo mitos de identificação simbólica e limites ao

⁴ Lyotard, 1993

⁵ deve-se sempre lembrar que a modernidade é considerada, por diversos autores, como um projeto inacabado e autoritário.

⁶ Deleuze, 1974

⁷ exemplar é o usuário da internet que estando simultaneamente conectado com diferentes pessoas em diversos pontos do planeta, num simples apagar de luzes ou “queda” de telefone volta à dimensão imediata local ou circunstancial

⁸ Augé, Marc., “Non-Lieux”, Paris, Seuil, 1992

⁹ Morin, Edgar, 1994

relativismo cultural) vivenciada pelo homem moderno. O individualismo, tornando-se superabundante, expõe os limites dos novos investimentos do ego e dos sentidos das liberdades, ao mesmo tempo que são superadas as especificidades das relações de gênero; tudo é passível de ser reinventado¹⁰. O antigo transforma-se num espetáculo, numa citação, que os olhos de Baudelaire¹¹ denominavam de “fugazes”. Nos “não-lugares”, estudados por Augé, há sempre um outro lugar, um lugar específico, numa rede polifônica de trocas e referências plurais. Estes “não-lugares” assinalam uma possibilidade contemporânea de recriar sentidos, o anonimato e a solidão. Recriar, é mais que uma possibilidade.

O suposto fim e as armadilhas do espaço-tempo recolocam o olhar virtual ou anatomopatológico sob suspeição. A realidade virtual disponibilizou uma nova possibilidade de intervir, controlar, disciplinar e penetrar nos corpos. Esta possibilidade ou forma de imersão de homens reais (portanto, desejantes) e históricos num espaço desconhecido pelo saber e racionalidade bio-anatômico-medicalizadora acarreta e produz um novo padrão de intervenção e na compreensão no curso dos eventos e nos corpos dos indivíduos, limitando as possibilidades do destino ou do fatalismo, sempre anunciadas. Os diagnósticos transformaram-se em extensões, em olhares tecnológicos e imageticamente cada vez mais incisivos e velozes.

A realidade virtual faz surgir uma nova expressão relacional e temporal com a imagem. Levy¹² demonstra que o virtual não se opõe ao real, mas indica a existência de uma dimensão outra ou diferente. A dimensão e a operação ótica, fundamentais na constituição do conhecer das práticas e dos saberes originários na racionalidade biomédica, de origem pasteuriana, são lentamente substituídas pela imagem produzida por equipamentos, isto é, tornam o diagnóstico refém (na prática e no saber do campo) ou dependente de um modelo de percepção, à percepção de uma operação intelectual. Sabe-se que o olho humano, mesmo aquele submetido a um treinamento intenso, mostra-se incapaz de reproduzir um instante ou perceber o fundo em seu movimento e mutações. O olhar humano

¹⁰ Carvalho, Edgard de Assis., “Polifônicas Idéias”, São Paulo, Editora Imaginário, 1997.

¹¹ Uma referência ao texto de 1863, “The painter of modern life”, quando Baudelaire diz que a modernidade é “o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável”.

¹² Levy, 1993

treinado precisa estar atento a contextos e fenômenos simultâneos externos para reunir uma massa de informações, portanto sujeito a um campo básico de codificações, inclusive de memória e ações. A intervenção virtual não se torna mais complexa ou eficiente, mas diferente e sujeita a subjetividades.

As novas tecnologias, os novos atores sociais e relacionais, projetos e discursos emergentes no mundo, que se anuncia sem controles ou fronteiras rígidos, fazem parecer que estamos diante apenas de uma crise de hegemonia cultural e produtiva. Na verdade, o poder de disciplinar, organizar e formatar social possivelmente constitui novas formas e dimensões de microlutas e sensibilidades que varrem os cotidianos, produzindo conflitos e resistências. A sociedade apresenta processos complexos e tensos condenados a desconhecer o sentido de fim ou esgotamento entre as formas e os conteúdos. Esta trajetória ou modo de compreensão intelectual levou-nos quase que inadvertidamente a chegar em Mafessolli, que, provocando a tradição do pensamento no campo das Ciências Sociais, analisa a vida cotidiana, como “sentimento de estar juntos”, pontuada e caracterizada por tribalismo, vitalismo, formismo, presenteísmo¹³.

Os *media* empenham-se em eleger, agendar e elencar, principalmente depois da segunda metade dos anos 60, seus repertórios, suas prioridades temáticas e imagéticas, determinando quem, como, quando e o que seria visível na sociabilidade contemporânea, ou seja no mundo ou eixo capitalista central, urbano e mundializado (econômico e tecnologicamente). Assim estabelecem quem fica fora dessa visibilidade, por fugir da configuração estética, política, social que norteia o discurso midiático, ou por negá-lo, vivenciando e induzindo os receptores individuais ou coletivos que não obedecem a este receituário a uma posição –no mínimo- subalterna. Segmentos sociais foram condenados à inexistência imagética ou temática diante desses meios à simples condição de estrangeiro. Isto é, são, por algum motivo, estranhos ao meio, um estranho que não se vê reconhecido, nem representado. Estes podem ser minorias culturais, portadores de deficiências, excluídos sociais ou culturais, etc. Portanto, podem ser negados ou desconsiderados pelos *medias* por negar o discurso ou um padrão de configuração.

Kristeva estudou recentemente as vítimas de trânsito. Na sua concepção, ao se tornarem, portadores de deficiência física, vivem, em todas as esferas da sociabilidade, e de maneira radical, a experiência ou condição de estrangeiro de si ou para si mesmo. É uma experiência radical, uma vivência única ou singular, pois o corpo anterior é um território compreendido como perdido: sofre diante do estranhamento do outro e do estrangeiramento midiáticos. Os corpos (considerados anômalos e desfuncionalizados), dessas pessoas não encontram representação nos simulacros de beleza estético-corporal dos mídias e nem se prestam à condição de modelo a ser copiado. Mais grave, provocam perplexidade e sufocam profissionais de saúde, incapazes diante de uma realidade social e profissionalmente secundarizada ou desconsiderada ao longo do tempo e das experiências do campo, considerado naturalizado apenas em conjunturas específicas.

KRISTEVA – CORPO COMO CUIDADO E DEBATE NECESSÁRIO

Kristeva, que já havia falado de estranheza, estudando a universalidade (esta complexa pretensão, desejo e/ou suposição), retoma com contundência um debate socialmente esquecido ou estrategicamente secundarizado: as pessoas atingidas pela violência e seus impactos corporais e comportamentais; os indivíduos transformados em vítimas, muitas vezes tornados impossibilitado de expressar ou reagir através de impulsos corporios-territoriais.

O estrangeiro, como um estranho de si mesmo, tema e condição presentes em tempos e culturas diversos. Pensando e vivendo os efeitos e paradoxos da ilusão modernista do progresso e do desenvolvimento, no contexto de diferentes destruições e desencantos provocados ou percebidos ao longo da Segunda Guerra Mundial, Camus¹⁴, retoma o estrangeiro, um estrangeiro da existência: personagem condenado e sempre distante, distanciado, indiferente e punido pela

¹³ Maffesoli, 1993

¹⁴ Camus, Albert, “O Estrangeiro”,

sua condição ou percepção. Na literatura, no cotidiano ou no cinema, este personagem, que pode ser compreendido como categoria ou condição, impedido de retornar à sua origem e relações, marca um tempo “sem destino”, sem referência, de uma cultura e de uma sociedade imobilizada e amarrada em seu próprio imaginário. O outro como ameaça e referência, o outro é uma ameaça ou referência¹⁵.

Certamente, estes atores falam de um espaço e de uma outra lógica, e o “outro” ou estrangeiro de Kristeva é diferente. A categoria estrangeiro constitui-se entre as vítimas de trânsito repentinamente transformadas em portadoras de deficiência ou incapacidade física. Esta condição determina alterações nas suas identidades, nos papéis sociais, até então desempenhados e também nos repertórios, verbal e imagético, dos *media*. Para quem se transformam numa ausência, num silêncio. Desta forma, urge um estudo sobre o processo de desidentificação na produção e no “consumo” de imagens, idéias e discursos midiáticos em relação aos que de forma repentina, essas pessoas se transformaram em fisicamente anômalo e nos quais também não se vêem representadas. Produzida a sua condição de estrangeiros midiáticos (excluídos sociais, doentes, fisicamente anômalos, diferentes, etc) tais categorias – supostamente- passariam a freqüentar o terreno da solidão, da resignação e da ameaça social. Os *media* produzindo um modelo de omissão ou de enunciado desses “diferentes”, constituiriam essas pessoas em “estrangeiros” e portadores de discursos que ignoram realidades e identidades, impossível de identificar-se. Desnecessário, portanto, de considerá-los como partícipes sociais. Entretanto, tal fato não impede, ao contrário, a projeção simbólica do eu diante desse “outro” publicizado ou midiático.

Os mídias e a cultura não compreendem que além da perda ou restrição de autonomia de locomoção e de boa parte da percepção das sensações táteis, dolorosas ou térmicas (calor, frio, etc), esse indivíduo conviverá com outras restrições físicas, motoras, psíquicas e sensoriais. Esta situação altera os hábitos, saberes e práticas relacionais diárias, vida sexual, profissional, auto-estima,

¹⁵ Camus é autor de um trabalho literário marcante. Em “A Peste”, Camus analisa o impacto do nazismo na Europa, com suas invasões e tecnologias de implantação do terror(portanto, como poder destrutivo) que não é

percepção da própria imagem, mobilidade, real e simbólica, no espaço social, produtivo e doméstico.

O estrangeiro, o deficiente ou o diferente físico-corporal-social, embora trazendo *marcas* de efeitos diferentes, podem ser estudados sob três situações. Interessa-nos o portador de restrições locomotivas ou de dificuldade em descolar-se. A sua referência é a incapacidade ou impossibilidade de retomar ou retornar a um país ou situação; é a condenação ao auxílio de próteses e, para muitos, mais grave à dependência de outros, como um “peso” insuportável (principalmente aos familiares) e produtor de despesas. Transformado em espetáculo e em campo de intervenção do outro, o seu presente e seu futuro estarão marcados pela corporeidade, pelas oportunidades e relações perdidas ou parcialmente atingidas. Por vezes fixados num corpo, esses tempos e relações estarão condenados a uma memória e à produção de novos sentidos e discursos que tornem a existência menos dolorosa e desprovida de significado.

Assim, num primeiro momento, observamos que suas atitudes, discursos e saberes modificam-se. Ele é um *estrangeiro diante de si*, ao descobrir-se ‘habitante’ de um novo corpo, temporariamente ou não, parcialmente ou não, desfuncionalizado e sem autonomia de movimentos, que deverá habitar-se a uma situação diferente, um corpo que os símbolos da cultura e da racionalidade biomédica consideram deficientem.

Outro traço deste processo é quando ele se porta ou se sente *estrangeiro diante do outro ou de um outro*. Neste caso, o “outro” é representado por quem possui todas as funções e movimentos corporais e relacionais preservados. Um último momento é a condição simbólica e funcional de *estrangeiro diante da mídia e da cultura*, principalmente na sua dimensão produtiva e estética da mídia e da cultura. Esses segmentos estão empenhados na viabilização de um modelo societário cuja visibilidade e afirmação das identidades sociais se dá pela publicização através da *mídia* e seus discursos corporativos quanto ao culto à beleza, funcionalidade, produtividade. A mídia e a cultura transformam-no no estrangeiro, no deficiente e no diferente, que num instante se descobre um

cidadão de lugar nenhum, já que em nenhuma circunstância ele é o *natural*¹⁶. Num mundo da impessoalidade, em que se afirmam os “não-lugares”, ele é o portador do estigma do tempo-espço.

Os enunciados e a lógica imagética contemporâneas produzem discursos publicitários e publicizadores de padrões estéticos, comportamentais e relacionais referidos à ideologia do consumo como legitimadores de um suposto *bom, belo* e necessário para a felicidade garantida pelo mercado. A felicidade mercadológica expressa-se como um estilo de vida, acesso e visibilidade, como vitrines a tela da televisão, as páginas dos jornais, das revistas, os filmes, as músicas, os sites na internet e, a nortear todo esse universo, a publicidade em brilho efêmero e asséptico¹⁷. O feio, o deformado, o sinistro, o mórbido, desprovidos de brilho, sedução e assepsia, lógica e friamente estarão impedidos de tornar-se visíveis ou “ideal-tipo”.

O estrangeiro, o diferente ou o deficiente são, para o padrão imagético ou de enunciados dos ordenadores do mercado e da estética predominantes e valorizadas, referências que necessitam ser reinventadas e resignificadas, portanto, não cabem no modelo adotado pelos *media* e pela própria racionalidade biomédica.

O deficiente/estrangeiro e sua corporeidade, são atores e temas desconcertantes e desconhecidos: o seu corpo não obedece a qualquer modelo ou racionalidade predominante, não se prestando à condição de simulacro; e, ao mesmo tempo, os padrões corporais que lhes são oferecidos como os eleitos lhes são inviáveis como modelos de semelhança, mesmo sendo uma identidade construída a partir da encenação, seja via moda, gesto ou comportamento. O império das técnicas(próteses ou tecnologias) que potencializam e se tornam extensões do corpo, o nomadismo da contemporaneidade, a possibilidade de ser vários e a visibilidade midiática via publicização são conceitos que só reforçam o sentimento de exclusão e de não pertencimento do estrangeiro, do deficiente e do diferente em relação à sociabilidade contemporânea.

¹⁶ Recomendamos uma leitura de Luz(1988) que discute a constituições de categorias sociais e biomédicas.

¹⁷ Boudrillard, 1996

Segundo Kristeva, o estrangeiro produz um estado ou condição de “não pertencimento” que provoca a repulsa de sua inadequação à língua, aos hábitos alimentares, ao gestual coletivo, ao vestuário e à cultura local. Esta situação ou posição pode provocar, como estratégia de adaptação ou contorno da situação, alguns tipos de atitudes: procurar confundir-se e identificar-se com o local, confundir-se ou perder-se nele, assimilá-lo, numa demonstração de valorização da pátria ou da cultura do outro; ou, então, encolher-se ou submeter-se ao seu isolamento, expressando sua condição de humilhado e ofendido. Ao estrangeiro, ao deficiente ou diferente a primeira alternativa é negada. Desnecessários seriam os esforços para tornar-se um igual, um nativo, já que a corporeidade confirma ou explicita a diferença, caráter indisfarçável de eterno estrangeiro. A humilhação e a ofensa da segunda atitude são substituídas pela consciência do estereótipo e do estigma.

O estrangeiro de Kristeva traz em si uma condição de estrangeiro relativo, resquícios de pertencimento que ele ainda traz consigo, de um sentimento de nativo, de natural ou próprio a alguma territorialidade, uma situação de paradoxo, pois ao retornar ao seu país ele é destituído de sua condição de cidadão (re)territorializado. Trata-se de uma incômoda condição, condenação ou maldição: o estrangeiro, o deficiente ou o diferente não têm lugar ou território de origem, que se perdeu junto com a sua corporeidade irrecuperável. Ele não fala mais de lugar nativo, de pertencimento a um mundo e ao qual possa retornar se o desejar realizá-lo.

Os *media* não perceberam ou não pretenderam enfrentar a diferença e a deficiência, nisto se encontram a lógica e a matriz de sua razão mercadológica, produtiva e imagética. Mais grave, profissionais do campo da saúde também podem ser incluídos neste cenário relacional. Isto nos remete a uma conclusão obrigatória: uma cultura centrada na imagem e na produtividade não pode ouvir ou admitir esse incômodos murmúrios-polifonias.

Bibliografia

- ?? AUGÉ, MARC. *Non-Lieux*, Paris, Seuil, 1992
- ?? BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa. Relógio D'Água. 1981.
- ?? _____ . *A Transparência do Mal*. Campinas. Papyrus.1996.
- ?? BAUDELAIRE . C., *OBRAS* , Lisboa, Ed. Poesia, 1994.
- ?? BOLTANSKI, Luc. *As Classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro. Graal. 1989.
- ?? CAMUS. ALBERT., *A Peste*
- ?? CARVALHO, EDGARD A, *Polifônicas Idéias*, São Paulo, Editora Imaginário, 1997.
- ?? DELEUZE, Gilles. “*Platão e o Simulacro*”. In DELEUZE , Gilles, *A Lógica do Sentido*. São Paulo, Perspectiva, 1974, (pag. 259 - 271).
- ?? FOUCAULT, M. *Microfísicas do Poder*, Petrópolis, Vozes, 1979
- ?? GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro. Guanabara. 4ª. edição. 1988.
- ?? KRISTEVA, Júlia. “*Tocata e Fuga e para o Estrangeiro*” e “*A Universalidade não seria a nossa própria estranheza?*” in KRISTEVA, Júlia, *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro. Rocco. 1994. Pp.9-46; 177-202.
- ?? LÉVY, P., “*As Tecnologias da Inteligência*”. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- ?? LUZ, Madel T., “*Natural – Racional – Social: Razão Médica e Racionalidade Científica Moderna*”, Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- ?? MAFESSOLLI, M., “*La Contemplation du Monde*”, Paris, Grasset, 1993
- ?? MORIN, EDGAR., “*Ciência com Consciência*”, Portugal, Publicações Europa-América, 1994.
- ?? VIRILLIO. P., “*O Espaço Crítico*”, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.